

Entrevista com Manoela Silva, audiodescritora e pesquisadora

Interview with Manoela Silva, audio describer and researcher

Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva  

penteacher2@yahoo.com.br

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Vera Lúcia Santiago Araújo  

vera.santiago@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Silvia Malena Modesto Monteiro  

malena.monteiro@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Patrícia Araújo Vieira  

pattivieira477@gmail.com

Universidade Federal do Ceará - UFC

Resumo

Manoela Silva é professora da Universidade Federal da Bahia, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), atuando na linha de pesquisa “Aquisição de línguas, Tradução e Acessibilidade”; tem experiência como pesquisadora e/ou profissional em audiodescrição e outras modalidades de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), como Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) e Tradução Audiovisual em Língua de Sinais (TALS); é coordenadora do grupo de pesquisa Tradução e Acessibilidade (TrAce), que trabalha na pesquisa e na atuação profissional nas diferentes modalidades de TAVa. Na entrevista, discutimos sobre a atuação do seu grupo de pesquisa, a questão da importância da Audiodescrição (AD), LSE e TALS para a educação da pessoa com deficiência e, finalmente, sobre o papel do consultor na audiodescrição. O TrAce realiza estudos sobre modalidades ainda pouco contempladas nas pesquisas em TAVa, como a audioléngua e a AD em videogames. O fato de as modalidades de TAVa não estarem restritas ao ambiente escolar formal, faz com que elas continuem informando seu público-alvo primário a respeito do mundo ao seu redor e possibilitando o aumento da bagagem cultural dessas pessoas. O papel do consultor no processo de construção de projetos em AD é importante, porque por meio da prática da escrita colaborativa com roteiristas ou da revisão de roteiros prontos, ele pode contribuir bastante para a diminuição do visocentrismo, já que ajuda a entender melhor o público-alvo, suas necessidades e preferências, permitindo minimizar ideias preconcebidas e prevenindo lapsos capacitistas.

Palavras-chave

Tradução audiovisual acessível (TAVa); Audiodescrição (AD); Legendagem para surdos e ensurdidos (LSE); Tradução Audiovisual em Língua de Sinais (TALS).

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 03/05/2023

Aprovação do trabalho: 01/06/2022

Publicação do trabalho: 26/06/2023

 10.46230/2674-8266-15-10807

COMO CITAR

SILVA, Manoela. Entrevista com Manoela Silva, audiodescritora e pesquisadora. [Entrevista cedida a] Vera Lúcia Santiago Araújo, Silvia Malena Modesto Monteiro & Patrícia Araújo Vieira. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.2, 2023. p. 160-170. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10807>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

Abstract

Manoela Silva is a professor at the Federal University of Bahia in the Postgraduate Program in Language and Culture, working on “Language Acquisition, Translation and Accessibility”. She has experience as a researcher and/or professional in audio description and other modes of Accessible Audiovisual Translation (TAVa, acronym in Brazilian Portuguese), such as Subtitling for the deaf and hard-of-hearing (SDH) and Audiovisual Translation in Sign Language (TALS, acronym in Brazilian Portuguese). She coordinates a research group, TrAce (Translation and Accessibility), which works in research and professional practice in the different modes of AVT. In the interview, we discussed the performance of her research group, the issue of the importance of Audio description (AD), SDH and TALS for the education of People with Disabilities and, finally, the role of the consultant in audio description. TrAce seeks to discuss modalities that are not covered by the research on TAVa yet, such as audio subtitling and AD in video games. The fact that TAVa modes are not restricted to the formal school environment, they continue to inform their primary target audience about the world around them and enable them to increase their cultural baggage. The role of the consultant in the construction process of AD projects is important, because through the practice of collaborative writing with screenwriters or the review of ready-made scripts, he/she can contribute a lot to the reduction of visocentrism, since it helps to better understand the target audience, their needs and preferences, and allows minimizing preconceived ideas, preventing ableist lapses.

Keywords

Accessible Audiovisual Translation (TAVa, acronym in Brazilian Portuguese). Audio description (AD). Subtitling for the deaf and the hard-of-hearing (SDH). Audiovisual Translation in Sign Language (TALS, acronym in Brazilian Portuguese).

Introdução

Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva é professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), faz parte do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), atuando na linha “Aquisição de línguas, Tradução e Acessibilidade”. Foi pesquisadora e audiodescritora do grupo de pesquisa Tradução, Mídia e Audiodescrição (TRAMAD), fundado e coordenado por Eliana Franco (ARAÚJO; FRANCO, 2022) até o ano de 2020. A partir dessa data, fundou e se tornou coordenadora de outro grupo de pesquisa, Tradução e Acessibilidade (TrAce). Com o TRAMAD, realizou várias audiodescrições de diferentes modalidades, tanto de imagens estáticas quanto de dinâmicas. Nessa época, também conduzia vários estudos que acabaram se transformando em trabalhos acadêmicos. Manoela é pioneira na pesquisa na universidade, já que defendeu a primeira dissertação de Mestrado com foco na Audiodescrição (AD) em 2009, intitulada “Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil”.

Por meio de metodologia descritivo-exploratória, realizou pesquisa de recepção com crianças de 8 a 11 anos com deficiência visual e atendidas por uma instituição para pessoas com deficiência visual (PcDV), tendo como *corpus* filmes da Turma da Mônica e outros dos estúdios Disney. Os resultados mostraram a preferência por roteiros e locuções interpretativas, passando longe da neutralidade preconizada pelos primeiros audiodescritores, na sua maioria, europeus e

estadunidenses. Os estudos atuais sobre AD corroboram os resultados da pesquisadora.

Para o Doutorado, Manoela optou por um programa de Educação para discutir como a audiodescrição pode contribuir para a educação das PcDV, o que vai ao encontro do tema desse número especial da Revista Linguagem em Foco. A principal preocupação de sua tese, defendida em 2019, intitulada “Para além do visível: princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica” problematiza a questão da construção de roteiros e locuções centrados nas PcDV e não no nosso ponto de vista de videntes.

Vejam agora como andam as atividades de Manoela e de seu grupo de pesquisa nesta breve entrevista, na qual falamos sobre seu grupo de pesquisa, sobre a questão da importância da AD para a educação da Pessoa com Deficiência e, finalmente, sobre o papel do consultor na audiodescrição.

2 A entrevista

Linguagem em Foco – Em primeiro lugar, gostaria que você falasse sobre as atividades do seu grupo de pesquisa. Sabemos que o TRAMAD se subdividiu em vários outros em universidades diferentes. Em que difere seu grupo atual e o TRAMAD?

Manoela – O TRAMAD foi uma grande escola e, como tal, creio que influenciou todos os demais grupos que foram fundados por ex-membros. No caso do meu grupo, o TrAce, esses reflexos podem ser sentidos, por exemplo, no quanto valorizamos a participação da pessoa com deficiência no processo de construção de conhecimento acerca da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) e, por isso, contamos com consultores como integrantes do grupo e damos tanta ênfase a estudos de recepção. Além disso, procuramos aliar teoria e prática, realizando projetos voluntários para que esse fazer possa inspirar descobertas e questionamentos teóricos, retroalimentando nossas pesquisas. No entanto, diferente do TRAMAD, não focamos tão fortemente na audiodescrição. Nossos interesses são bastante diversificados. Investigamos AD, Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), Tradução Audiovisual em Língua de Sinais (TALS) e modalidades híbridas. Temos especial interesse em áreas pouco investigadas e pela tradução voltada para o

público infantil e juvenil. Além disso, como estamos inseridos em um curso voltado para a formação de professores e entendemos acessibilidade como algo intrínseco a qualquer modalidade de tradução, também nos dedicamos à interface TAVa e ensino/aprendizagem de línguas e procuramos responder aos interesses dos alunos e alunas da graduação, o que tem se refletido no estudo da tradução feita por fãs (*fansub*, *fandub*, *scanlation*...) e na localização de games.

Como exemplos desse leque mais amplo de pesquisas, cito os TCCs de Fernanda Costa sobre a tradução de expressões idiomáticas em *fansubs*; de Katherine Zuanny sobre o uso de emojis em legendas LSE para crianças; de Amanda da Silva sobre a análise de legendas LSE via Tradução Centrada no Usuário; e de Elaine Soares, ainda em andamento, sobre o uso da AD em sala de aula para alunos sem deficiência. Quanto a trabalhos coletivos, finalizamos o projeto de audiodescrição das imagens do *Iara App*, um aplicativo para o ensino de Ciências voltado para crianças criado por alunas da UNESP, bem como uma pesquisa de recepção sobre onomatopeias e efeitos sonoros não literais na LSE. Atualmente, estamos trabalhando num projeto de audiodescrição de sinais de Libras e na tradução/adaptação de contos infantis para videolivros via recursos como animação, AD, LSE, TALS, audiolegendagem e Linguagem Simples/Leitura Fácil.

Linguagem em Foco – Como você vê a relação entre a pesquisa em audiodescrição e a educação das PcDV?

Manoela – Em minha opinião, em primeiro lugar, é preciso entender que a AD é um potente recurso educacional, uma ferramenta imprescindível para a inclusão escolar das PcDV e, por isso, precisa ser garantida desde a mais tenra idade. Dentro dos muros da escola, ela alavanca o desempenho, possibilitando o melhor entendimento dos conteúdos e aumentando a sensação de acolhimento e pertencimento ao grupo. Porém, como a educação não está restrita ao ambiente escolar formal e nunca cessa, fora da escola, todas as vezes em que a AD é oferecida numa galeria de arte, num espetáculo de dança ou num videogame, ela continua informando seu público-alvo primário a respeito do mundo ao seu redor e possibilitando o aumento da bagagem cultural dessas pessoas. Durante o mestrado, tive a oportunidade de entrevistar professores do Instituto de Cegos da Bahia e o depoimento de uma docente me impactou bastante. Na época, ela ressaltou a importância de se oferecer AD para crianças para a criação do hábito de assistir à TV, ir ao cinema ou ao teatro, por exemplo. Como seus alunos adolescentes não haviam tido a oportunidade de serem expostos à AD, eles já não tinham interesse

nessas atividades. O prejuízo é evidente. Como seria possível para esses alunos e alunas competir em pé de igualdade por vagas na universidade, por exemplo? Não é de se estranhar a presença ainda incipiente das PcDV no ensino superior, quando seu direito à AD é constantemente desrespeitado, tanto dentro como fora dos muros da escola.

No entanto, não se trata apenas de uma questão de oferta, mas de uma oferta de qualidade. É aí que a pesquisa em AD se torna primordial. São esses estudos que procuram conhecer as necessidades e preferências do público-alvo e buscam entender que estratégias tradutórias poderiam melhor atender a esses anseios que se debruçam sobre as particularidades de gêneros textuais específicos, inclusive aqueles mais comumente encontrados em materiais didáticos, além da melhor maneira de audiodescrevê-los. O estudo dessas estratégias tradutórias investigam como formar tradutores em TAVa verdadeiramente competentes em seu ofício. Enfim, sem a pesquisa, estaríamos relegados a achismos e, mesmo podendo ter acesso a ADs, as PcDV não estariam usufruindo de todo o potencial que o recurso poderia oferecer para a sua formação global.

Linguagem em Foco – Como o TrAce está trabalhando o uso educacional das outras modalidades de TAVa, já que o foco do grupo não é só a AD?

Manoela – Bem, qualquer modalidade de TAVa traz benefícios não só para seu público primário, como também para pessoas sem deficiência. Tomemos o caso da LSE, que pode ser útil tanto para pessoas surdas e ensurdecidas, quanto para aprendizes de línguas. Como o emprego de legendas para ouvintes no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, tanto na perspectiva interlinguística (L1 para L2) quanto intralinguística (L1 para L1) é algo muito antigo, a novidade aqui reside apenas na utilização de um tipo diferente de legenda. Esse recurso pode ser usado pelos aprendizes de modo passivo, ao simplesmente assistirem a programas legendados, como também de modo ativo, ao passarem eles próprios a legendar materiais. Na UFBA, temos uma disciplina optativa sobre legendagem. Quando ministro a disciplina, incluo a LSE e procuro mostrar aos alunos que ela pode ser usada em substituição à legenda para ouvintes no ensino/aprendizagem de língua estrangeira, com o benefício para o professor de trazer a possibilidade do trabalho com temas transversais importantes. Seu emprego pode ser o pontapé inicial para a discussão sobre o respeito às diferenças, acessibilidade, direitos humanos... Além disso, a LSE acaba trazendo uma gama vocabular maior, pois a tradução dos efeitos sonoros coloca o aluno em contato com palavras que

uma legenda para ouvintes não conteria.

Agora, se pensarmos no público primário da LSE, não podemos nos esquecer de que, para além de um recurso de acessibilidade, as legendas também são uma ferramenta muito útil para a aprendizagem ou aprimoramento da leitura de uma língua oral. Assim como a AD, ela não precisa ser usada dentro dos muros de uma escola para ter um componente educacional. Sempre que ela é oferecida num filme ou programa de TV, ela pode contribuir para que os espectadores elevem seu nível de proficiência em português. Em nossa última pesquisa de recepção em LSE, por exemplo, os surdos e ensurdecidos foram extremamente favoráveis à associação de onomatopeias à descrição de efeitos sonoros. Para eles, essa seria uma forma de ampliar o vocabulário e conhecer mais sobre a cultura ouvinte; de não só saber que tipo de som está ocorrendo, mas de ter uma ideia de como esse som é.

Então, como estamos inseridos num curso que tem como principal objetivo formar professores de português e/ou língua estrangeira para atuar no ensino fundamental e médio, estamos sempre pensando sobre essas questões, em como todas as diferentes modalidades de TAVa podem ser utilizadas por docentes em sala de aula de modo a beneficiar a todos e não só os alunos com necessidades educacionais específicas, já que a perspectiva a ser adotada é a do ensino inclusivo.

Linguagem em Foco – Em sua opinião, como os grupos de pesquisas em audiodescrição podem incluir os PcDVs no processo de tradução audiovisual?

Manoela – De muitas formas diferentes. A mais óbvia delas é quando esses grupos realizam pesquisas de recepção. TCCs, dissertações e teses que optam por consultar o público-alvo são extremamente relevantes. No entanto, essas acabam sendo ações muito pontuais. Já se os grupos contam com PcDVs entre seus integrantes, os benefícios são maiores. Essas pessoas podem passar a ter um papel mais ativo e fazer suas próprias pesquisas, ocupando um papel de maior protagonismo no que concerne à construção de massa crítica na área. Além disso, na condição de integrantes, elas também podem ajudar no dia a dia das ações do grupo. Se tarefas práticas são realizadas, elas colaboram como consultores. Se textos são discutidos, elas trazem a sua visão a respeito. Isso contribui para a formação das PcDVs, que podem se tornar consultores profissionais caso ainda não o sejam, e também dos videntes, que aprendem não só a trabalhar para pessoas cegas ou com baixa visão, mas também com elas. A perspectiva passa a ser

a do “Tudo sobre nós com todos nós”, o que torna o trabalho do grupo verdadeiramente inclusivo e muito mais efetivo. Vou dar um exemplo. Recentemente, o TrAce ganhou um sinal em Libras, resultado do trabalho de intérpretes e de um professor Surdo da UFBA que atuam como nossos colaboradores. Nós, então, audiodescrevemos esse sinal como parte do projeto de audiodescrição de sinais de Libras que mencionei anteriormente. Nesse projeto, contamos com o apoio dos nossos três colaboradores que são PcDVs, duas pessoas cegas e uma com baixa visão de três regiões diferentes do país: Ednilson Sacramento, Manoel Negraes e Maria Carlota Pires. A maioria dessas pessoas jamais teve contato com a Libras e é muito legal vê-las nos ajudando a criar ADs mais efetivas ao mesmo tempo em que, por exemplo, aprendem a fazer o sinal do grupo do qual fazem parte.

Linguagem em Foco – Você tem analisado como os produtores dos meios audiovisuais têm compreendido a obrigação do cumprimento da acessibilidade em seus produtos audiovisuais?

Manoela – Nesse quesito, estamos muito longe do ideal. Minha percepção é a de que, ainda hoje, recursos como a AD, a LSE e a TALS só são incluídos por força da legislação. Então, continuamos tendo problemas com projetos que só se atentam para a inclusão dos recursos de acessibilidade no último minuto. E isso traz várias consequências. Os prazos ficam muito apertados. A verba já foi consumida em outras fases do projeto e nunca se tem o suficiente para um pagamento condizente com a complexidade da tarefa tradutória. Alguns chegam até a questionar a inclusão de um consultor para tentar baratear custos. Se há alguma brecha, eles tentam incluir ou LSE ou TALS, o que invariavelmente deixará parte do público surdo e ensurdecido de fora, já que alguns dominam Libras e outros têm como língua materna o português. Enfim, ainda há um grande percurso a ser trilhado para que esse quadro possa mudar. Temos poucas e honrosas exceções, mas elas realmente ainda são exceções.

Linguagem em Foco – Em sua opinião, qual a contribuição do audiodescritor consultor para a diminuição da visão visocêntrica dos roteiros e das locuções em audiodescrição?

Manoela – A figura do consultor é extremamente importante. No entanto, é preciso que fique claro que um consultor é um profissional em AD. Assim como um vidente não pode ser considerado um roteirista sem o devido treinamento, uma

pessoa com deficiência visual não pode ser alçada ao posto de consultor apenas por ter nascido cega ou com baixa visão. Além de um profundo conhecimento da prática e teoria da AD, essa pessoa também necessita ter um perfil especial que envolve questões como, por exemplo, um amplo repertório cultural; um excelente domínio do vernáculo, criatividade e sensibilidade linguísticas; familiaridade com o universo da informática; e boa disposição para trabalhar em equipe. E essas são apenas algumas das competências necessárias a esse profissional. Escrevi um texto a respeito há alguns anos no livro *Pesquisas Teóricas e Aplicadas em Audiodescrição* (2017), organizado, inclusive, por pesquisadores da UECE.

Isso posto, acredito piamente que a inclusão de consultores em projetos de audiodescrição, quer através da prática da escrita colaborativa com roteiristas ou através da revisão de roteiros prontos, possa contribuir bastante para a diminuição do visocentrismo, já que ajuda a entender melhor o público-alvo, suas necessidades e preferências, e permite minimizar ideias preconcebidas, prevenindo lapsos capacitistas. Essa interação mais estreita nos leva a questionar o caráter compensatório tradicionalmente atribuído à AD, segundo o qual o audiodescritor é “o olho de quem não vê” e seu papel deve ser o de tentar remediar a “perda” trazida pela deficiência, criando ADs que garantam percepções “equivalentes” às dos videntes. Essa convivência nos ensina o quanto à adoção de uma perspectiva como essa é problemática. E isso não só porque resgata ideias subjacentes ao modelo médico de deficiência e o ideal de equivalência em tradução, mas porque, em última instância, também afeta a qualidade final das ADs. Gradativamente, aprendemos que é ingenuidade pensar que o mero fornecimento de dados de natureza visual a uma pessoa que nunca enxergou, por exemplo, seja capaz de produzir percepções análogas às dos videntes, especialmente quando se sabe que o cérebro de alguém que vê e o de alguém que não vê processam informações de modos diferentes. O problema é que, enquanto integrantes de uma cultura visocêntrica, tendemos a repetir esse padrão e é exatamente por isso que o trabalho com os consultores é tão importante para que possamos aprender a valorizar diferentes modos de percepção do mundo. Assim, fica mais fácil aprender a fazer AD, tentando garantir ao público-alvo o tipo de informação que ele precisa e/ou prefere da maneira e no momento mais adequado para que ele possa fruir cada imagem a seu próprio modo. É realmente importante abraçar o “Tudo sobre nós com todos nós”.

Linguagem em Foco – Tivemos recentemente uma tese de doutoramento no PosLA, em que um fonoaudiólogo desenvolveu um programa para o desenvolvi-

mento da locução em audiodescrição (PALMEIRA, 2021). Na formação realizada, a melhor locução foi de uma PcDV. O que você acha disso?

Manoela – Sinceramente, não me espanto. E fico bastante feliz que o pesquisador tenha incluído PcDVs no estudo. Não basta versar sobre acessibilidade, nossas pesquisas precisam ser inclusivas de ponta a ponta. Mas voltando a sua pergunta, no mesmo texto de minha autoria ao qual me referi na resposta anterior, menciono o fato de que um consultor em AD pode, a depender de seu treinamento, experiência, habilidades e inclinações pessoais, não só dar feedback especializado, como também fazer locução ou formar novos audiodescritores. Cito, inclusive, o caso de um consultor com baixa visão que atuou como roteirista em um determinado trabalho, audiodescrevendo imagens estáticas com o auxílio da lupa do seu computador. Então, o fato de uma PcDV ter tido o melhor desempenho na formação realizada não me surpreende. Afinal, não é de se esperar que o usuário final seja aquele que melhor conheça o que se almeja do produto a ser oferecido? Já ouvi relatos de candidatos que solicitaram a troca de leitores durante concursos públicos por sentir que suas vozes e a forma com que faziam a leitura não combinavam com o conteúdo da prova de humanas ou de exatas, por exemplo. Também já presenciei espectadores abandonarem sessões de filmes audiodescritos por não gostarem da voz e do sotaque do narrador. Então, como as PcDV tendem a ter uma percepção auditiva mais acurada que a nossa, incluindo uma aguçada sensibilidade em relação à voz humana, isso pode torná-las excelentes candidatas para o treinamento em locução para AD.

Linguagem em Foco – Para encerrar nossa entrevista, gostaríamos de saber como você avalia o desenvolvimento da TAVa de 2004 até os dias de hoje? Houve uma evolução ou estacionamos como pesquisadores e formadores de profissionais?

Manoela – Creio que houve uma grande evolução. Vou usar o exemplo da AD. Comecei em 2004 e, naquela época, mesmo na universidade, as pessoas sequer conseguiam entender do que eu estava falando quando dizia que o tema de minha dissertação era a AD de desenhos animados. Elas pensavam que se tratava de braille porque era algo voltado para PcDVs e ficavam imaginando como o braille seria usado na tradução de um produto audiovisual exibido numa tela. Além disso, a oferta era praticamente nula. Hoje, o cenário é diferente. Continuamos a enfrentar o problema da oferta escassa, mas o recurso passou a ser exigido por lei e aos poucos vai ganhando cada vez mais espaço. Também não me vejo

tendo que explicar o que é a AD tão frequentemente como tinha que fazer no passado. A maioria das pessoas já tem uma ideia do que se trata e até mesmo já teve a oportunidade de ver algum material audiodescrito circulando nas redes sociais, como é o caso dos cards de divulgação de eventos. Quanto a pesquisas, também creio que crescemos muito. Hoje, temos diversos trabalhos que versam sobre a AD, o que me alegra sobremaneira. No entanto, ainda temos a tendência a pesquisar os mesmos tipos de texto e usar as mesmas metodologias. Em minha opinião, se temos a impressão de que estacionamos, é porque não estamos sendo muito inventivos e, talvez, tenhamos receio de sair de nossa área de conforto. Quantas pessoas pesquisam a audiolegendagem, por exemplo? E a AD em videogames? Mencionamos os benefícios do recurso para outros públicos, como autistas, disléxicos ou até mesmo videntes, mas, quantos estudos temos sobre a AD para esses públicos? Quantas pesquisas se debruçam sobre a questão do processo tradutório na AD e usam recursos como os *think-aloud protocols* (TAPs)? E quanto aos estudos de recepção? Será que não seria interessante o uso de eletroencefalogramas, eletrocardiogramas ou aparelhos para medição de resposta galvânica; algo semelhante ao que se está fazendo com a LSE e o rastreamento ocular? Enfim, há um vasto campo a nossa frente. Precisamos apenas, com o perdão do trocadilho, abrir nossos olhos para isso.

Referências

ADERALDO, Marisa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima. **Pesquisas Teóricas e Aplicadas em Audiodescrição**. Natal: Editora da UFRN, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22612>. Acesso em: 21 jan. 2023.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; FRANCO, Eliana Paes Cardoso. Audiodescription in Brazil. In: TAYLOR, Christopher; PEREGO, Elisa. **The Routledge Handbook of Audiodescription**. Nova York: Routledge, 2022. p. 596-612.

PALMEIRA, Charleston Teixeira. **Programa de Aperfeiçoamento da Locução na Audiodescrição de Filmes**: uma contribuição da Fonoaudiologia para a formação de audiodescritores. 2021. 251 f. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em <https://www.uece.br/posla/pesquisa/teses/teses-2021>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Com os olhos do coração**: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto das Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12032>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Para além do visível**: princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica. 2019. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Edu-

cação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29344>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Sobre os entrevistadores

Vera Lúcia Santiago Araújo - Doutora em Língua Inglesa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Fortaleza-CE; E-mail: vera.santiago@uece.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5255403400929743>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4654-8747>.

Silvia Malena Modesto Monteiro - Doutora em Linguística Aplicada. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE; Fortaleza-CE E-mail: malena.monteiro@uece.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5669204383660789>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-8211-3142>.

Patrícia Araújo Vieira - Doutora em Linguística Aplicada. Professora do Programa de Pós-graduação nos Estudos da Tradução (POET) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta do curso Letras Libras da UFC; Fortaleza-CE; email: pattivieira477@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5901941364309055>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6611-720X>